

**A personagem portuguesa e a crise do encilhamento no Brasil:
análise do romance *Um invejado*, de Afonso Celso**
**The Portuguese character and the *Encilhamento's* crisis:
analysis of the novel *Um invejado*, by Afonso Coelho**

GRACINÉA I. OLIVEIRA¹

Resumo: Neste ensaio, analisa-se a relação entre a figura do português e a crise do Encilhamento no Brasil no romance *Um invejado*, de Afonso Celso (1895). Nesse texto, que prima pela fluidez do enredo, pela brevidade das descrições e pela maestria no trabalho da matéria ficcional a partir dos principais eventos políticos do Brasil à época, é narrada a história de José Apolinário da Silva, o Juquinha, da infância até sua morte. Considerando que tanto o português Seixas Rocha quanto o Encilhamento são fatores cruciais para o desfecho dessa narrativa, supõe-se que esses dois elementos – o estrangeiro e a crise econômica – são decisivos na configuração da estrutura dessa obra. Para isso, considera-se, nesse romance, o elemento social «como fator da própria construção artística» (Candido, 2006: 16-17).

Palavras-chaves: Sociedade; Encilhamento; *Um invejado*; Afonso Celso.

Abstract: This essay analyzes the relation between the Portuguese character and the *Encilhamento* crisis in Brazil, as portrayed in Afonso Celso's novel *Um invejado* (1895). In this text, noteworthy for its fluid plot, for its concise description and for the masterful work with fictional matter based on the main political events in Brazil at the time, the story of José Apolinário da Silva, also known as Juquinha, is told from his childhood to his death. Considering that both the Portuguese character Seixas Rocha and the *Encilhamento* crisis are crucial factors for this narrative's outcome, it is assumed that these two elements – the foreigner and the economic crisis – play a decisive role in this work's structure. For this purpose, in this novel, the social element is considered to be «a factor of the very artistic construction» (Candido, 2006: 16-17).

Keywords: Society; *Encilhamento*; *Um invejado*; Afonso Celso.

¹ Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISABH).

E assim irei de século a século, até o paraíso terrestre, forma rudimentária do encilhamento, onde se vendeu a primeira ação do mundo. Eva comprou-a à serpente, com ágio, e vendeu-a a Adão, também com ágio, até que ambos faliram.
(Assis, 2008a, 4: 929)

1. Introdução

O final do século XIX foi um período de vasta agitação política e social no Brasil. Para exemplificar, podemos citar a Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação da República (1889), a Revolução Federalista (1893-1895) e a Guerra de Canudos (1896-1897) como eventos que mudaram o rumo da história do país. Além desses, acrescenta-se a grave crise econômica – o Encilhamento (1889-1892) – como outro fator que contribuiu para o quadro de instabilidade marcante naquela época.

Em relação ao Encilhamento, esse foi o nome dado a uma séria crise cambial que se caracterizou pela alta especulação na Bolsa de Valores na Praça do Rio de Janeiro (Botelho Júnior, 2003):

Sob a ação deste jorro emissor [autorização a vários bancos para emitir papel-moeda e títulos da dívida pública] não tardará que da citada ativação dos negócios se passe rapidamente para a especulação pura. Começam a surgir em grande número novas empresas de toda ordem e finalidade. Eram bancos, firmas comerciais, companhias industriais, de estradas de ferro, toda sorte de negócios possíveis e impossíveis. Entre a data da proclamação da República e o fim da aventura (1891) incorporar-se-ão no Rio de Janeiro sociedades com

capital global de 3.000.000 de contos; ao iniciar-se a especulação, isto é, em novembro de 1889, o capital de todas as sociedades existentes no país apenas ultrapassava 800.000 contos. Quintuplicara-se quase este capital em pouco mais de dois anos! (Prado Júnior, 2012: 163)

Segundo Prado Júnior (2012), a quase totalidade das novas empresas não tinham existência senão no papel. Mas, em fins de 1891, devido a várias causas, o castelo de cartas da especulação ruiu: a desvalorização das ações e títulos que abarrotavam o mercado financeiro e a bolsa levaram a bancarrota várias empresas e instituições, inclusive muitas de base sólida. O ano de 1892 foi de liquidação.

Esse evento, de importância e consequência indiscutíveis para todos os setores da sociedade brasileira, ficou registrado não apenas nos jornais da época ou nos livros de História, mas também em diversos textos literários produzidos naquele período, como é perceptível no romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, especificamente no capítulo 73 – «Um Eldorado», em que é descrito o Rio de Janeiro à época da política do Encilhamento:

A capital [Rio de Janeiro] oferecia ainda aos recém-chegados um espetáculo magnífico. Vivia-se dos restos daquele deslumbramento e agitação, epopéia de ouro da cidade e do mundo, porque a impressão total é que o mundo inteiro era assim mesmo. Certo, não lhe esqueceste o nome, Encilhamento, a grande

quadra das empresas e companhias de toda espécie. Quem não viu aquilo não viu nada. Cascatas de idéias, de invenções, de concessões rolavam todos os dias, sonoras e vistosas para se fazerem contos de réis, centenas de contos, milhares, milhares de milhares de milhares de contos de réis. Todos os papéis, aliás ações, saíam frescos e eternos do prelo. Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, todas as uniões, todas as regiões, tudo o que esses nomes comportam e mais o que esqueceram. Tudo andava nas ruas e praças, com estatutos, organizadores e listas. Letras grandes enchiam as folhas públicas, os títulos sucediam-se, sem que se repetissem, raro morria, e só morria o que era frouxo, mas a princípio nada era frouxo. Cada ação trazia a vida intensa e liberal, alguma vez imortal, que se multiplicava daquela outra vida com que a alma acolhe as religiões novas. Nasciam as ações a preço alto, mais numerosas que as antigas crias da escravidão, e com dividendos infinitos (Assis, 2008b, l: 1171-1172)²

Além de Machado, outros autores do período abordaram o Encilhamento em suas obras, como o Visconde de Taunay, em uma novela *à clef* de mesmo nome da crise cambial; Júlia Lopes de Almeida, no romance *A falência*; Valentim Magalhães, no breve *Flor de sangue* e Afonso Celso, em *Um invejado*, objeto de análise neste ensaio.

==

² Para maiores informações a respeito do tema da economia na obra de Machado de Assis, veja-se: Franco (2008) e Gledson (2006).

Afonso Celso³ foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e autor de uma vasta obra, que inclui *Por que me ufano de meu país*, tornado leitura obrigatória nas escolas secundaristas brasileiras (Bastos, 2002); livros de poemas — *Telas sonantes*, *Devaneios*, *Prelúdios*, *Rimas de outrora*, *Poesias escolhidas*, etc. —, e romances como *Lupe*, *Giovanina*, *Segredo conjugal*, *Um invejado*, entre outros.

Este último — *Um invejado* —, escrito em dois volumes, foi publicado pela primeira vez em 1895, pela Livraria Moderna, no Rio de Janeiro. Embora seu autor tenha tido uma extensa carreira literária e política, como especificado anteriormente, não se localizou outra edição desse romance. Este livro é citado em alguns estudos acerca da sociedade literária «Padaria Espiritual do Ceará», a qual é dedicado, e em uma comunicação de Wimmer (2019:81), no VII Congresso Nacional do PPG-Letras e XX Seminário de estudos Literários, ocorrido em junho de 2019. Em relação à recepção à época da publicação dele, não se localizou estudo a respeito. A única informação que tangencia isso é a de Nascimento (1966: 328), que informa ter sido essa obra anunciada no Jornal *Era Nova*, em 1902, em Pernambuco. Atualmente, esse livro está disponível em formato digital em

==

³ Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior nasceu em Ouro Preto (MG), em 31 de março de 1860 e morreu em 11 de julho de 1938, no Rio de Janeiro. Foi jornalista, professor e advogado (Paes e Moisés, 1969).

muitos sítios, como no da Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo.

Trata-se de um romance realista, cuja trama se desenrola entre o final do Império e o início da República Velha brasileira. Esse texto prima pela fluidez do enredo, pela brevidade das descrições, pela construção das personagens e pela maestria em relacionar a matéria ficcional aos principais eventos políticos do Brasil naquela época.

Nele é narrada a história da vida de José Apolinário da Silva, o Juquinha, da infância até sua morte. Rapaz rico, invejado por todos, descendente de fidalgos portugueses, vive na opulência financeira e na carência afetiva. Na vida social, é um espertalhão cujas diretrizes políticas são guiadas por seus interesses particulares, que se sobrepõem completamente aos interesses públicos. Monarquista por afinidade ideológica, torna-se republicano após a abolição da escravidão, já que esse ato implicou em prejuízo financeiro para si. No início da República, muda seu apoio político ao sabor de seus rendimentos no mercado financeiro. Guiado pelo português Seixas Rocha, Juquinha tenta triplicar seu capital ilicitamente, fazendo apostas de alto risco na Bolsa, até derrocar com o estouro da bolha no Encilhamento (Figueiredo, 1895).

O Encilhamento, assim como o português Seixas Rocha, são cruciais para os acontecimentos da vida de Juquinha e, conseqüentemente, para o desfecho do romance. Levando

isso em consideração, pretende-se mostrar como essa narrativa se estrutura a partir desses dois fatores. Para isso, servirão de subsídio teórico-metodológico os textos de Antonio Candido sobre literatura e sociedade, presentes no livro homônimo e em *O discurso e a cidade*.

2. Literatura e sociedade: algumas considerações teórico-metodológicas

A relação entre literatura e sociedade sempre despertou o interesse de pesquisadores tanto da crítica e/ou teoria literárias quanto da sociologia. A percepção dessa relação e o foco desses estudos variam de disciplina para disciplina e de época para época.

Em relação aos estudos literários no Brasil, na maior parte do século XIX, os aspectos sociais eram considerados elementos-chaves para compreensão de uma obra, visto que, nesse período, «procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial» (Candido, 2006: 14). Sendo assim, um dos critérios para valoração de textos literários, nessa época, era se ele representava algum aspecto da realidade local, sobretudo, aspectos que eram considerados peculiares do Brasil: a fauna, a flora, o índio, etc.

Posteriormente, na primeira metade do século XX, devido à influência dos estudos formalistas,

chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. (Candido, 2006: 13)

Mas, para Antonio Candido (2006), baseado em Lukács (1965), a integralidade da obra não permite fazer uma análise norteada apenas por uma das perspectivas. Essa exige um estudo que contemple também os fatores sociais, não como causa ou significado, mas «como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno» (Candido, 2006: 14).

Tendo como norte esse pressuposto teórico, pretende-se analisar o Encilhamento e a figura do português em *Um invejado*, «não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador, [mas] como agentes da estrutura» (Candido, 2006: 15).

Para tal análise, intentou-se seguir os passos de Antonio Candido e realizar o que ele chamou de «redução estrutural», processo pelo qual «a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo» (Candido, 1993: 9). Em outras palavras, não se objetivou aqui estudar a relação entre o romance e a sociedade brasileira do final do

século XIX, especificamente o Encilhamento e a figura do estrangeiro, mas, sim, analisar o papel desses dois fatores na estrutura de *Um invejado*, independente do referente externo.

3. As personagens de *Um invejado*

O nome do romance remete a seu personagem principal – José Apolinário da Silva – o Juquinha. À primeira vista, o título o aponta como uma pessoa que tem atributos e/ou bens que despertam a inveja de muitos. Já no início do texto, o motivo da inveja é mostrado ao leitor:

Que bonito, elegante e pequeno carro, tirado por minúsculos cavallos de raça, estacionava á porta do palacete Apollinario, naquella magnífica tarde de verão! ..

Era um vehiculo de creança, mas de creança millionaria, affeita aos requintes do luxo, – um brinquedo caríssimo, ao mesmo tempo sumptuoso e catita, que fazia scismar em principescas fantasias. (Figueiredo, 1895, I: 11)

Mas, para que haja inveja, é necessário que a opulência e o luxo sejam vistos, e o que contribui para isso no livro é o espaço onde ocorre a maior parte da narrativa: a cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 80/90 do século XIX. É nesse espaço, em que pobreza e opulência convivem lado a lado, que os acontecimentos mais agudos desse drama se desenrolam:

E designava o prédio nobre, com vasto jardim ao lado, sito n'uma das ruas que vão perpendicularmente do Cattete á praia do Flamengo.

Esse prédio, de vistosa architectura, aprumava-se sobranceiro em meio das modestas vendas do local. (Figueiredo, 1895, l: 13)

É por essa configuração espacial da cidade que Antenor, Enedina e Juquinha se conhecem e têm suas vidas entrelaçadas. Esse ricoço e os dois irmãos pobres são de mundos sociais diferentes, mas a vizinhança permite que se conheçam e, futuramente, que os laços sentimentais entre eles se estreitem, visto que Antenor e Juquinha serão amigos e Enedina se casará com Juquinha no decorrer da trama.

Mas longe de ser uma história de amor, o que o romance mostra, ao contar a vida de Juquinha, já que se inicia com ele por volta dos quatorze anos e termina com sua morte, é o esplendor e o declínio de uma determinada classe social, no lugar da qual outra se sobressairá. Nesse contexto, o espaço carioca é o palco onde esses grupos se digladiam para ocupar uma posição invejada ou para se manter em tal posição, embora seus membros compartilhem afeições e relações. Apesar de uma parte da trama se passar na Europa, sobretudo em Paris, é o Rio o lugar da transformação da vida das personagens, como será exposto.

Juquinha era o típico representante de uma elite ociosa. Filho do comendador Antônio Apolinário da Silva, herdou do pai o gosto pela ostentação e pela vida desocupada, visto que este, embora fazendeiro, não residia no seu estabelecimento agrícola, confiado a um ad-

ministrador. Além disso, a maior parte da fortuna do comendador, herdada em parte, vinha, dizia-se, do tráfico de escravos:

Gostava do Rio de Janeiro, onde levava farta vida de ocioso opulento, constantemente atarefado com mil futilidades absorventes.

Reuniões, jantares, theatros, corridas de cavallos, longos passeios pela rua do Ouvidor, visitas obrigatórias e quotidianas a certas charutarias e cafés, gastar a esmo, sem occupação fixa, jogar o volterete em determinados salões, — eis o seu programma. (Figueiredo, 1985, l: 23-25)

Mesmo após a morte do pai, Juquinha manteve o mesmo estilo de vida, desperdiçando o tempo que passou na França para estudar «em total ociosidade, levando a existência, a um tempo absorvente e vazia, dos *flaneurs de Boulevard*» (Figueiredo, 1985, l: 86). Excepcionalmente o período imediatamente após seu casamento com Enedina, em que se tornou avaro e resolveu investir em negócios imobiliários, nos demais momentos, Juquinha voltou ao estilo ocioso e esbanjador, mantendo seus interesses pessoais acima de quaisquer outros. Sua motivação pela política, por exemplo, era oriunda de questões particulares — especulação imobiliária —, assim como sua defesa da escravatura, apesar de se apresentar como republicano:

O Juquinha, filho de fazendeiro, era escravocrata. Além das tradições de família, corroborava-lhe esse pensar a circumstancia de possuir ainda

alguns escravos que, alugados, ganhavam-lhe optima féria.

Coadunava perfeitamente o seu republicanismismo com os sentimentos negreiros.

A sua demagogia acirrou-se com a abolição, que o defraudava. (Figueiredo, 1985, I: 205)

Após a abolição, aproveitou a alta do câmbio para passar um tempo na Europa com a mulher e os filhos. Lá, depois da Proclamação da República, fez de tudo para conseguir cargo na diplomacia brasileira, mas em vão. Voltou ao Brasil onde, após descobrir-se falido com a quebradeira do Encilhamento, suicidou-se.

O oposto de Juquinha era seu cunhado Antenor, por quem, aliás, esse mantinha grande estima. Entretanto, Antenor, tinha-lhe grande inveja, embora fosse incapaz de lhe fazer mal por isso:

Os primeiros dias após a chegada, passou-os o Juquinha alegremente, narrando á familia de Enedina e aos conhecidos o que vira na Europa. Espicava a inveja silenciosa de Antenor e sufocava de pasmo D. Canuta, em cuja residência se hospedara, (o antigo palacete Apollinario convertera-se em casa de pensão) com descrições phantasticas de homens e cousas. (Figueiredo, 1895, II: 71)

Filho de uma pobre viúva, conseguiu, com muito sacrifício de sua mãe, estudar e se formar engenheiro:

Antenor breve concluiria o curso da Escola Polytechnica. Não se divertira como o Ju-

quinha no prazo decorrido, mas se enriquecera de sólidos conhecimentos.

As suas maneiras, cada vez mais graves, aliadas á applicada intelligencia, lhe haviam angariado relações úteis que, de certo, lhe deparariam optima collocação apenas se formasse. (Figueiredo, 1985, I: 99)

Antenor, inicialmente, vai para o interior, mas, depois, consegue emprego na capital e volta a morar com a mãe. Apesar de conseguir melhorar seu padrão de vida e até mesmo ganhar algo na bolsa com o Encilhamento, ele se considerava inferior ao cunhado, a quem julgava nadar em um mar de felicidades. Isso fez com que julgasse que tinha menos do que merecia, fazendo com que nunca se sentisse feliz:

Adorado da mãe e da esposa; respeitado no seu meio social, onde conquistara uma digna posição; indigitado como homem de futuro, com fama de character superior; herdeiro do nome honrado de um leal servidor da pátria; destituído de responsabilidades; sem um só accidente lamentavel, na estrada percorrida, que o enlutasse de remorsos ou saudades; podendo encarar desassombrado o porvir, acessivel a todas as suas ambições; elle, todavia, continuava injucundo e displicente, com o espirito espinhoso, chronicamente dolorido. (Figueiredo, II: 167-169)

Antenor era o representante de uma incipiente classe média que começava a se formar nessa sociedade de fim de escravidão e início do uso da mão de obra assalariada. Filho de mãe costureira, seu grande objetivo era ter uma vida

como a do Juquinha. Aproveitando a pequena mobilidade social e a ampliação dos serviços oriundas da mudança do sistema produtivo e da modernização do país, Antenor galgou degraus na escala social com vistas a acumular capital. Seu objetivo era lucrar como os demais: «Não houve no Rio gato pingado que não se locupletasse durante oencilhamento. Eu adquirei apenas, a muito custo, graças a indicações de um amigo, uns magros quinze contos» (Figueiredo, 1895, II: 79-80).

Além de Antenor, outro personagem que tem papel importante no romance, apesar das poucas ações que desenvolve no texto, é Felícia, ama de Juquinha. Inicialmente, foi escrava da mãe dele e, após a morte dela, ficou encarregada de cuidar do Invejado, a quem dedicava sentimentos profundos:

Mas, affeição verdadeira, profunda, solícita, mais cariciosa e cega que a do commendador, inalterável em toda a vida, dedicava-a ao Juquinha uma preta feia e gorda, por nome Felícia, sua ama secca outr'ora, velha escrava da finada mãi delle.

Esta substituía-lhe até certo ponto o amor maternal. (Figueiredo, 1985, I: 31)

Após a partida de Juquinha para a Europa, ela se mudou para um casebre, mas nunca se esqueceu de seu antigo amo, indagando sempre a Antenor ou a Seixas por notícias dele. Só após saber da doença/morte da antiga ama e de ir ao cortiço onde ela morava para cuidar do enterro, Juquinha percebeu que, com o passa-

mento de Felícia, acabava-se a única pessoa que realmente o amara na vida. Esse reconhecimento tardio foi um dos motivos que o levou ao suicídio.

Mas além dessa significação afetiva na vida do Invejado, Felícia representou a grande massa de escravos que, após libertos, foram entregues à própria sorte, ocupando, como ela, a periferia do Rio de Janeiro.

Quão irritante para o Juquinha a scena de despedida dos seus ex-escravos!

Na noite de 12, reunio-os, e, com entonação que se esforçava por tornar indiferente, declarou-lhes:

— Vocês estão forros... Podem ir para onde quiserem. Não tenho mais nada com vocês...

Os pretos permaneciam immoveis, cabisbaixos, parecendo não comprehender o alcance d'aquellas palavras.

Foram sahindo, por fim, lerdamente, murmurando, com a mão estendida, a velha saudação:

— *Sim Christo... siò moço... Sum.* (Figueiredo, 1895, I: 213)

Apesar de uma vida inteira de trabalho e sacrifícios, mesmo após a libertação, continuaram a viver na mais completa miséria:

Esta estalagem, genuino cortiço, compunha-se de um amontoado de casinhas de porta e janella, abrindo para um largo pateo commum, no qual se enfileiravam tinas de lavadeiras e se entrecusavam cordas suspensas, cobertas de roupa branca molhada. (Figueiredo, 1895, II: 143)

Outro personagem crucial no romance é o português Seixas Rocha, que acompanhou Juquinha, o grupo de pessoas que o cercava durante quase toda trama e foi um dos responsáveis pelo desfecho desta, como será explanado no subcapítulo seguinte.

3.1. O português Seixas Rocha, o Invejado e o Encilhamento no romance

Manuel de Seixas Rocha era um português de posses regulares, amigo e procurador do Comendador João Apolinário da Silva, pai de Juquinha. Ele é apresentado como uma pessoa modesta, ativa e serviçal, que visitava diariamente a família do Comendador e se encarregava, de bom grado, de qualquer solicitação deles, já que estava retirado dos negócios.

Importante personagem, foi nomeado tutor de Juquinha. Assim sendo, após a morte do Comendador, cuidou zelosamente do inventário e administrou bem a fortuna de seu tutelado, inclusive quando este foi para Europa, em companhia de sua madrasta. Mesmo depois de Juquinha completar a maioridade e retornar ao Brasil, Seixas Rocha continuou a manter sólidos laços com ele, inclusive orientando-o em negócios, sugerindo-lhe envolver-se em especulações imobiliárias, fato que lhe rendeu bons dividendos.

Quando Juquinha viajou, pela segunda vez, ao velho continente, ele o nomeou procurador, com amplos poderes para gerir seus bens.

Após a Proclamação da República, o português meteu-se em altas especulações industriais e mercantis, como é perceptível neste trecho da carta que Seixas Rocha enviou ao Invejado: «Como V. S. não ignora, fui imerecidamente nomeado director de dois novos bancos e de três companhias anonymas, alem de membro do conselho fiscal de varias outras empresas» (Figueiredo, 1895, I: 300). Aproveitando o período do Encilhamento, ele escreveu a Juquinha, duas vezes, solicitando-lhe autorização para vender casas e apólices e aplicar o dinheiro em ações no mercado financeiro, solicitação que foi atendida imediatamente.

Depois de certo tempo, fez avultada fortuna e voltou a Portugal, com desculpa de visitar o Minho, e não mais retornou: «Seixas Rocha fora nomeado barão pelo governo portuguez, e, havendo liquidado avultada fortuna, deixara o Rio, no intuito, ao que propalava, de visitar, no Minho, a aldeia natal, d'onde emigrara aos 9 annos de idade» (Figueiredo, 1895, II: 7).

Quando retornou a Portugal, passou a administração dos negócios de Juquinha a outro procurador. Embora houvesse notícia de que a aplicação dos capitais do Invejado continuasse excelente, a quantidade de dinheiro remetida à Europa para ele diminuía significativamente. Então, ele resolveu voltar ao Brasil, para averiguar de perto o investimento. Além disso, com a depreciação do câmbio, percebeu que teria enorme prejuízo se pedisse mais dinheiro, estando na Europa.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Juquinha percebeu algumas mudanças ocasionadas pelo Encilhamento: «Individuos que conhecera como genuinos desclassificados e equivococ bohemios eram-lhe presentemente apontados como banqueiros, millionarios, directores de multiplos estabelecimentos, e trunfos politicos» (Figueiredo, 1895, II: 74). Além disso, ouviu as piores recriminações a respeito de seu antigo procurador, que anteriormente era tido como probo:

– Refinado patife, diziam. Enganou durante annos toda a gente com os seus ares de seriedade, modéstia e escrúpulo. Deixou cahir a mascara no encilhamento, de que foi assignalado heróe. Soube tosquiar o próximo com geito, não ha duvida. Safou-se em tempo e lá anda a disfructar os milhares de contos das gordas encorporações de companhias. Cà não volta, com certeza. E se cahir na asneira de voltar não falta quem nutra ganas de lhe ir á pelle... (Figueiredo, 1895, II: 76-77)

Essa e outras críticas o preocupavam, visto que havia confiado nele cegamente. Por isso, resolveu procurar sem demora seu novo procurador. Ao conferir a documentação, achou corretos os números apresentados, mas seu capital estava empregado em ações de inúmeras empresas e bancos de nomes obscuros, que não tinham solidez, já que muitas instituições criadas no Encilhamento eram fantasmas – fundadas apenas para especulação financeira. Além disso, como consequência do

Encilhamento, havia baixa generalizada em todas as cotações, um dos possíveis motivos para Seixas Rocha ter emigrado do Brasil.

Apesar de ter ficado apreensivo com a situação, Juquinha, mesmo assim, arriscou-se em outra especulação, por sugestão de seu novo procurador, dessa vez envolvendo debêntures⁴ da Companhia Geral de Estradas de Ferro do Brasil:

– O Snr. compra *debentures* da companhia por certo preço, – cem contos, digamos. Os vendedores no acto de lhe entregarem os *debentures* e receberem a quantia ajustada, firmam uma obrigação de lhe comprarem, por seu turno, os mesmos títulos, em determinado prazo, por preço muito mais elevado, – trezentos contos supponhamos. Os títulos, no intervallo, ficam em mão do Snr. A transacção é, ao mesmo tempo, uma compra, uma venda, uma caução. Nada mais seguro, pois, além de tudo, ha a garantia moral dos directores da empreza, caracteres acima de qualquer excepção. O lucro é enorme e certíssimo para quem dispõe de capitaes, como o senhor. (Figueiredo, 1895, II: 95-96)

Ele aceitou a proposta e mandou transferir boa parte de seus papéis de crédito, empregando a soma apurada em debêntures da Companhia

==

⁴ «As debêntures são títulos pelos quais a empresa se compromete a pagar uma renda fixa ao comprador, resgatando o papel depois de um certo prazo [...] durante a República os debenturistas eram credores privilegiados, tendo preferência para receber seus créditos quando a empresa era reestruturada ou liquidada» (Musacchio, 2002: 55-56).

de Estrada de Ferro. Esperou ansiosamente pelo dia do vencimento e o negócio lhe parecia tão bom, que desconfiava. Entretanto, no dia combinado, recebeu integralmente, conseguindo enorme lucro. Isso o entusiasmou, fazendo com que vendesse uma nova e maior parte de títulos, os melhores que tinha, para aplicar novamente nas debêntures, com data de vencimento em dezembro.

Nesse meio tempo houve o golpe de Estado de Deodoro da Fonseca. Embora estivesse aborrecido com ele e com o Barão de Lucena, por não ter conseguido emprego no Serviço Público, Juquinha regozijava-se com a Ditadura, devido ao fato de que, nesse período, subia o valor dos títulos da Companhia Geral das Estradas de Ferro. Esse comportamento demonstra seu caráter individualista, pois colocava seus interesses financeiros acima de qualquer coisa:

E não obstante os seus agravos contra Deodoro e Lucena, formulava íntimos votos para que a ditadura perdurasse, pois compreendia que a sorte dela se identificava com a da *Geral*.

— *A quelque chose malheur est bon*, — philosophava o amigo de Castelar [Juquinha]. Ao menos, ganharei rios de dinheiro. Recuperarei, à sombra da supressão das liberdades republicanas, o que a idéa republicana me obrigou a dispendir. (Figueiredo, 1895, II: 101)

Como se percebe, o interesse de Juquinha pela política se resumia apenas no propósito

único e exclusivo de aumentar sua fortuna e de manter seu *status* social. O destino do país, as consequências da supressão das liberdades ou da mudança de regime político para a sociedade brasileira e o séquito de violências não importavam nada para ele, que se preocupava apenas consigo, atitude que coaduna com o Encilhamento, que se caracterizou, no romance, como uma corrida desenfreada pelo lucro. Nessa corrida, o bem-comum e os problemas sociais não entraram na pauta. As questões políticas só interessavam na medida em que podiam dar ou não lucro a uma determinada camada da sociedade. Exemplo disso é percebido quando Floriano Peixoto assume a Presidência da República: «Esta carta [que Juquinha escrevera ao Marechal] foi publicada, depois nos jornaes, entre as milhares de adhesões e cumprimentos que a nascente administração recebeu, contando-se entre os manifestantes muitos dos mais dedicados instrumentos deodoristas» (Figueiredo, 1895, II: 123). Como se vê, era a prática: estar sempre do lado do poder, independente de quem lá estivesse e independente dos interesses populares e nacionais.

Mas nesta última fase do Encilhamento, a situação de Juquinha piorou, visto que a Companhia Geral de Estradas de Ferro faliu, acarretando perda total aos credores e acionistas. Como foi nessa Companhia que ele aplicou o melhor de seus capitais, sua condição financeira tornou-se difícil. Embora tivesse havido reclamações, queixas e solicitações ao go-

verno para minimizar a situação, nada podia ser feito. Além do mais, os mais prejudicados, que eram aqueles que mais haviam investido no negócio [e Juquinha estava nesse grupo], ainda enfrentavam a animosidade do público:

– Quem mandou ser tolo e ambicioso. Pois negócios d'aquella ordem são licitos e possíveis! Juros de 30% ao mez, 1% ao dia! Uma immoralidade! Não merecem a menor sympathia os bigodeados, verdadeiros cúmplices da indecencia. [...] Sirva isto de castigo a espertalhões... (Figueiredo, 1895, II: 130-131)

Como se vê, a derrocada geral da bolsa foi provocada por atos ilícitos, relacionados à especulação financeira, cujo objetivo era o lucro rápido e fácil, como todos os atos do Encilhamento. Juquinha, apesar de disfarçar e de não comentar a respeito de seus problemas financeiros, estava falido. Tentou, em vão, colocação no corpo diplomático, mas não conseguiu. Diante da possibilidade da miséria, preferiu se suicidar.

4. Conclusão

Pelo exposto, é possível perceber que o enredo do romance se organiza a partir de condições sociais. O próprio assunto – a vida de um sujeito rico e invejado – é relatado a partir da estrutura da economia da sociedade em que ele está inserido. Inicialmente estabilizada, com sujeitos em lugares sociais demarcados, pré-definidos por nascimento e herança, começa, à medida que a narrativa avança, a oscilar como os preços de ações/títulos na Bolsa

de Valores. Na divisão do texto em duas partes – primeiro e segundo volumes – é possível perceber a mudança nessa sociedade: inicialmente estável (1.º vol. – vida esplendorosa de José Apolinário) e, em seguida, instável (2.º vol. – decadência dessa personagem).

A mudança da sociedade está representada pela ascensão e pela decadência de determinadas classes sociais, assim como pela fragilidade da economia e da política brasileiras, influenciadas também por fatores externos. A abolição da escravatura foi o primeiro fator de mudança dessa sociedade, que propiciou diretamente o surgimento de duas classes: 1) a dos operários, representados por Felícia e os ex-escravos, miseráveis, que trabalhavam duro uma vida inteira para sobreviver, abandonados à própria sorte, após terem trabalhado para sustentar a economia por mais de dois séculos; e 2) a classe média, representada por Antenor e sua família, que conseguiam algumas posses com seu trabalho. O Encilhamento foi o segundo gatilho de mudança, que, junto com a Abolição, levou à ruína a antiga elite ociosa, escravocrata e monárquica, representada por Juquinha. No lugar dessa, surgiu uma elite financeira, que vivia de especulação, cujo representante no romance é o português Seixas Rocha, símbolo do capital especulativo internacional – volátil, que é retirado de um país ao menor sinal de crise ou de diminuição do lucro rápido. Foi o que Seixas Rocha fez, ao sair do Brasil com toda a fortuna acumulada no Encilhamento, antes da derrocada final

desse, que se deu com a falência da Companhia Geral das Estradas de Ferro. Seixas Rocha representa, além do capital especulativo, o estrangeiro – espoliador e explorador – cujo interesse nas terras brasileiras se resume ao lucro rápido e ao enriquecimento fácil. A morte de Juquinha simboliza a morte de uma classe, de um modo de produção e de uma maneira de viver que, para ser sustentada, exigia um conhecimento profundo das apostas na Bolsa, incluindo a hora de se retirar do Mercado de Valores, conhecimento que Juquinha – o Invejado – não detinha.

Bibliografia

Impressa

- ASSIS, M. (2008a). Crônica de 23 de outubro de 1892. Em: LEITE NETO, A., CECILIO, A.L. e JAHN, H. (org.). *Obra completa*. (2.^a ed.) Nova Aguilar. Rio de Janeiro. vol. 4;
- ASSIS, M. (2008b). Esaú e Jacó. Em: LEITE NETO, A.; CECILIO, A.L.; JAHN, H. (org.). *Obra completa em 04 volumes*. 2.^a ed. Nova Aguilar. Rio de Janeiro. vol. 1;
- BOTELHO JÚNIOR, C.O. (2003). A crise cambial do encilhamento: Algumas observações sobre a interpretação de Celso Furtado. *Economia e Sociedade*. **12.2 (21)**: 275-294;
- CANDIDO, A. (1993). *O discurso e a cidade*. Duas Cidades. São Paulo;
- CANDIDO, A. (2006). *Literatura e sociedade*. (9.^a ed.). Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro;
- FRANCO, G.A.B. (2008). *A economia em Machado de Assis. O olhar oblíquo do acionista*. 2.^a ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro;
- GLEDSON, J. (2006). *Por um novo Machado de Assis. Ensaios. Companhia das Letras*. São Paulo;
- MUSACCHIO, A. (2002). Ordem (na Corte) e Progresso: O poder judiciário e o mercado financeiro na transformação econômica republicana. *Acervo*. **15.2**: 55-68;
- PAES, J.P. e MOISÉS, M. (1969). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. Cultrix. São Paulo;
- PRADO JÚNIOR, C. (2012). *História econômica do Brasil*. (43.^a ed.). Brasiliense. São Paulo.

Digital

- BASTOS, M.H.C. (2002). Amada pátria idolatrada: Um estudo da obra *Porque me ufano do meu país*, de Affonso Celso (1900). *Educar*. **20**: 245-260. Acedido em 31 de agosto de 2018, em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n20/n20a18.pdf>;
- FIGUEIREDO, A.C.A. (1895). *Um invejado*. Moderna. Rio de Janeiro. 2 vols. Acedido em 10 de dezembro de 2016, em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00557610#page/1/mode/1up> e <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00557620>;
- NASCIMENTO, L. (1966). *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Vol. II (Diários do Recife – 1829/1900.). Acedido em 24 de abril de 2020, em: https://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf;
- WIMMER, N. (2019). Dois romances sobre política econômica: O Encilhamento / Um Invejado. *Caderno de resumos do VII Congresso Nacional do Programa de Pós-Graduação em Letras: Políticas da Literatura – 40 anos do PPG-Letras*. Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto. Acedido em 24 de abril de 2020, em: <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pos-Graduacao475/Letras/congresso2019/caderno-de-resumos.pdf>.